

Missão Cruls



Riqueza histórica no leito do rio

Pesquisadores passam pelo antigo garimpo de Água Suja, em Minas, onde diamante raro foi encontrado

RENATO ALVES
ENVIADO ESPECIAL

Estrela do Sul (MG) — A pequena Estrela do Sul, a 520 quilômetros de Belo Horizonte, no Triângulo Mineiro, anda agitada. O motivo é um diamante cor-de-rosa, muito raro e que vale uma fortuna. A pedra foi encontrada há três semanas pelo garimpeiro José Fernandes, no rio Bagagem, nos arredores da cidadezinha de 6.900 habitantes. O diamante foi vendido para dois negociantes de pedras preciosas de Coromandel — também no Triângulo — por R\$ 730 mil. Mas os moradores do município comentam que a pedra será revendida para um xeique árabe por cerca de R\$ 1,2 milhão.

Diamante em Estrela do Sul, porém, não é novidade. As primeiras descobertas de pedras preciosas registradas na cidade datam do início do século XIX. Em 1853, foi encontrado o diamante Estrela do Sul, pesando 254,5 quilates. As primeiras pesquisas geológicas na região foram apresentadas pelo relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, de acordo com levantamentos feitos em 1892.

O geólogo da Missão Cruls, Eugênio Hussak, já mostrava a presença de depósitos minerais expressivos na cidade goiana de Catalão. Ele destacava a exploração de diamantes no Triângulo Mineiro, em especial no garimpo de Água Suja, por onde passa o rio Bagagem, onde o diamante rosa foi encontrado. Hussak resolveu passar por Estrela do Sul e pelo pequeno arraial de Água Suja — hoje município de Romaria — justamente por ter ouvido os relatos sobre o diamante Estrela do Sul.

Durante 11 dias, ele estudou os garimpos da região. “Estudos posteriores comprovaram as conclusões do trabalho de Hussak sobre a mineralogia e petrografia dos depósitos de cascalhos naqueles garimpos”, afirma a geóloga Regina Clélia Haddad, da Universidade Federal de Uberlândia. Ela integra o grupo de sete pesquisadores da comissão de 14 pessoas que refazem os caminhos da Missão Cruls, do Rio de Janeiro a Brasília. O grupo, que deixou a capital carioca na manhã da segunda-feira, chega hoje a Catalão (GO), primeira cidade goiana a ser visitada pela expedição.

Arquivo Público-DF



1892

AS MINAS DA CIDADE DE ÁGUA SUJA, HOJE CONHECIDA COMO ROMARIA, RENDERAM JÓIAS FAMOSAS: GARIMPO FOI REGISTRADO PELO GEÓLOGO DA MISSÃO CRULS, EUGENIO HUSSAK, NO SÉCULO XIX

Wanderlei Pozzembom



2003

NA ESPERANÇA DE ENCONTRAR UMA PEDRA VALIOSA, GARIMPEIROS DE ESTRELA DO SUL INSISTEM EM PENEIRAR O CASCALHO ÀS MARGENS DO RIO BAGAGEM: LEGISLAÇÃO RESTRINGE A ATIVIDADE



Reforma na casa e carro novo

A pedra rosa encontrada no mês passado nem é tão grande. Tem oito quilates e é do tamanho de dois caroches de azeitona, segundo quem teve a oportunidade de vê-la. O valor está em sua raridade, perfeição e resistência. O garimpeiro José Fernandes encontrou a pedra quando estava separando o cascalho, ainda antes de peneirar o material na água. Mesmo assim, teve de repartir a fortuna. Ficou com 60% do valor da venda do diamante, R\$ 438 mil. O comerciante Bruno Cunha, dono da máquina usada para movimentar o cascalho, levou 30% (R\$ 219 mil). Os 10% restantes (R\$ 73 mil) foram repassados para o proprietário do terreno onde a pedra foi encontrada, o advogado Luiz Antônio Galante.

A sorte grande não fez com que Fernandes abandonasse Estrela do Sul, onde trabalhou como garimpeiro durante 30 anos. Casado e pai de duas filhas, ele continua levando uma vida simples. Cauteloso, mantém boa parte do dinheiro guardado no banco. Reformou a casa de três quartos e comprou carro novo. “Esse diamante é o sonho de toda a minha vida”, ressalta. Sonho também da vida de todos os garimpeiros que passam o dia às margens do rio Bagagem. Gente como Rubens Vieira, 52 anos, e o amigo Francisco Pereira de Oliveira Filho, 40. Quando não fazem bico de pedreiro, marceneiro ou serralheiro, eles estão juntos na beira do rio cavando terra e lavando cascalho à procura de diamantes.

Em 27 anos de garimpagem em Estrela do Sul, Francisco já tirou muito diamante do rio, mas nada que o tenha deixado rico. “Logo no começo, de uma só vez, peguei nove *chibils*”, conta. *Chibil* é o nome que os garimpeiros dão a minúsculos diamantes, que não valem mais do que R\$ 50 cada. A última pedra preciosa média que Francisco encontrou foi há dois dias. Ele a vendeu por R\$ 1.500. O suficiente para reformar a casa simples, onde mora com a família.

A esperança dos garimpeiros é renovada a cada descoberta de uma grande pedra no rio. Além da Estrela do Sul e do diamante cor de rosa, já brotaram do Bagagem pelo menos outras três jóias famosas: Dresden (de 120,58 quilates, em 1857), Estrela de Minas (179,37 quilates, 1910) e Governador Valadares (108 quilates, 1929).

Os garimpeiros e especialistas garantem que ainda há muito diamante entre os cascalhos da margem do rio Bagagem. No entanto, uma lei estadual limita a exploração. Ao contrário do que ocorria há 20 anos, hoje não se pode garimpar dentro do rio. Os garimpeiros são obrigados a cavar enormes buracos de pelo menos meio metro de profundidade para encontrar o cascalho e apurar se há diamante.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEY POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS

PRECIOSIDADE

R\$ 730 MIL

foi o valor do diamante encontrado no garimpo de Estrela do Sul



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // concei@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

SUBSTANTIVO SINGULAR

Tem coisas que só quem é de Brasília entende — é o mote de uma campanha publicitária que está nos jornais da cidade. Da vez que vi, a palavra era sambahia. Pra quem não é daqui, é nome de planta. Pra quem é, é nome de planta e de cidade.

Brasília deu novos sentidos às palavras, o que não vem a ser um privilégio exclusivo. As palavras são seres generosos, mutáveis e encantados. Aonde vão acatam acepções não dantes imaginadas. Cada cidade, cada geração, cada povo de mesma

identidade cultural incorpora novos sentidos a elas.

A cidade modernista colheu palavras da geometria. Eixo, por exemplo, veio pra Brasília, perdeu a sofisticação, ganhou um aumentativo e passou à categoria de nome próprio, Eixão. Estrutural é palavra usada na antropologia, na geologia, na física, na psicologia — só gente chique. Em Brasília dá nome a uma invasão nascida ao lado de um aterro sanitário.

Tesourinha não é só uma tesoura, candango não é o nome que os africanos davam aos portugueses, Conic não é sigla de nada (e se for, me digam de quê), é nome de um lugar cheio de prédios e cheio de

gente. Podia ser um bairro, uma praça, é o Conic. Pilotis é mais do que é (“as colunas estruturais formadoras de um conjunto que sustenta uma construção, deixando livre, ou quase livre, o pavimento térreo”, está no *Houaiss*). Pilotis é a praça de cada bloco residencial da Asa Norte e da Asa Sul.

Asa serve pra voar — nas entrequadradas, entre os blocos, da W-3 pra L-2, das Seiscentos às Novecentos, no Eixão ou embaixo dele, e menino no banco de trás do carro mandando a mãe acelerar pra sentir o frio na barriga no percurso sinuoso sob o Eixão.

Zebrinha, aqui, é vermelhinha, bojudinha, tem rodas no lugar de patas, e

passa os dias vagando pelo Plano Piloto. Pistão, é sim, uma pista grande, longa e larga, mas não é pista de corrida, como se poderia supor apressadamente. Aqui o Pistão Sul é lugar pra se dançar, assistir a grandes shows, fazer compras e estudar.

Pacotão já foi bem maior do que é hoje. Mas ainda é um pacote grande, uma banda de música no meio e milhares de foliões ao redor, que percorrem a W-3 na contramão no domingo e na terça de carnaval. Lacerdinha não é diminutivo de Lacerda, mas inspirou-se num deles, Carlos, o deputado federal que lutou, raivosamente, contra a construção de Brasília. Por conta disso, os redemoinhos que afogavam a cida-

de no período da construção assim passaram a ser denominados.

A Água Mineral não cabe numa garrafa. É o apelido de uma das maiores áreas verdes em perímetro urbano existentes no planeta. Conjunto é um shopping de neons coloridos cujo nome completo é Conjunto Nacional de Brasília. Rua, por aqui, quase não tem sentido, exceto pela Rua da Igrejinha. Bairro, menos ainda. Antes era satélite, cidade-satélite. Alguém achou que satélite era uma adjetivação pejorativa. Já não se usa tanto quanto antes.

De palavra em palavra se faz uma cidade única, singular, com um idioma só seu.